

ENTREVISTA

Sobre o Instituto de Psicologia da PUC Minas

Entrevistado Sílvio Germano de Souza
*Entrevista conduzida por Mário Lúcio Vieira da Silva**
*e Marcela Alves de Abreu***

Sílvio Germano de Souza é técnico de laboratório do Instituto de Psicologia da PUC Minas, unidade Coração Eucarístico. Admitido na Universidade em 1974, como auxiliar de serviços, foi promovido a agente administrativo e, posteriormente, a técnico de laboratório. A partir de 1975, foi alocado no Instituto de Psicologia, onde é responsável pelos laboratórios e pelo apoio a professores e monitores que utilizam os espaços.

Psicologia em Revista: *Fale-nos sobre o seu ingresso como funcionário da Universidade, quando começou, suas primeiras funções, como se deu a sua admissão...*

Sílvio Germano: A minha entrada na Universidade foi no dia 12 de agosto de 1974. Fiquei sabendo por um primo meu, que trabalha aqui, que eles estavam contratando pessoas, então fiz minha inscrição. Fui contratado como vigilante de estacionamento. Logo em seguida, eles precisaram de uma pessoa para ajudar no posto médico, onde fiquei dois meses. Depois fui trabalhar direto com o Chicão, o professor Francisco, com quem fiquei dois meses. Pelo Carlos Carmelo, o Carlinhos, que foi secretário na Psicologia, soube que estava havendo uma transição com a saída do Milton Cabral que, junto com o Márcio, revezavam na secretaria do curso. Fui então convidado para vir para a Psicologia. Na época, o professor Antônio Walter era o diretor, substituindo o professor Délcio Salomão. Mais tarde, veio o professor Sílvio Ferreira.

O Carlinhos estava remodelando o funcionamento da secretaria do curso e trazia duas novas secretárias. Então, nós viemos com tudo. Eu cuidava

Entrevista realizada em 24 de setembro de 2008.

* Professor do curso de Psicologia Unidade Coração Eucarístico, e-mail mariolvs@terra.com.br.

** Bolsista de iniciação científica.

dos laboratórios, inclusive os de Anatomia que, na época, eram de responsabilidade do curso, as Ciências Biológicas ainda não estavam aqui no *campus*. Eu também era responsável pelo café, que era feito por nós mesmos. Eu fazia dez garrafas de café por noite. Um fato pitoresco é que tínhamos de esterilizar 300 xícaras de café, uma xícara que tinha uma bordazinha azul. O calor era uma coisa louca, aquilo ficava fervendo... O café era servido também para os alunos que, muitas vezes, simplesmente jogavam a xícara para fora da janela. Eu achava aquilo um absurdo, além de ganhar o café, jogava fora a xícara. Então, eu tinha de sair catando as xícaras, ninguém acredita em um negócio desse! Além disso, eu atendia os professores, cuidava do biotério, que era imenso. Para se ter uma ideia, ao contrário de hoje, eram os alunos da área biológica que vinham ter aulas aqui conosco, no primeiro andar. O técnico responsável era o Zé Luis, que hoje está em Betim. Tínhamos aqui uma média de 300 ratos, 70 sapos, um punhado de pombos... Eu e o Tomás, o funcionário mais antigo, vínhamos dar apoio às aulas.

PR: *Quais os fatos mais marcantes que você acompanhou?*

SG: Tanto o curso quanto a Universidade viveram fatos muito marcantes. O movimento estudantil era muito pesado. As eleições no departamento também eram muito disputadas, às vezes, o negócio ficava meio quente. E houve a evolução do curso. Evolução por um lado, mas por outro... Por exemplo, na nossa época, havia o laudo, que eliminava mais que o vestibular. Tínhamos toda uma estrutura montada no SIPUC, que prestava serviços para as grandes empresas, como Banco Itaú, Mannesmann, Fiat, Vale do Rio Doce... Seus funcionários eram selecionados aqui, por uma equipe muito boa: Sílvio Ferreira, Zezé, Mariza. Os nossos alunos faziam estágio no SIPUC na área organizacional, que era chefiada pelo Márcio Dayrell. Os professores pertenciam também às grandes empresas e, na época, a Psicologia Organizacional chegou a fazer frente à Clínica, exatamente pela estrutura que tinha. Os alunos ajudavam a fazer a seleção e ganhavam por isso nas entrevistas, na aplicação dos testes. Mesmo com essa eliminação toda feita pelo laudo, eu me lembro de uma época, 77, 79, onde tivemos 48 candidatos por vaga... Se você imaginar que agora temos um por vaga...

PR: *Conte mais um pouco sobre o SIPUC, o laudo...*

SG: O laudo era realizado em três dias, três dias mesmo de teste, para ver se realmente tinham condições de fazer o curso de Psicologia. Era muito custoso, gastava muito teste... Além do laudo, tinha as seleções para as empresas, demandando um suporte muito grande, quase de uma

clínica mesmo. Precisava de um suporte muito grande. Nós levávamos, pessoalmente, o resultado das seleções para as empresas.

PR: *Que outras atividades vocês faziam na época?*

SG: Era muito frequente, no curso, a assistência acadêmica domiciliar, quando íamos à casa dos alunos aplicar provas. Uma vez, eu me lembro, fui aplicar uma prova lá no Sion. A aluna era uma senhora que tinha acabado de ter uma criança. Ela pegou a prova e falou assim: “Como é que é? A prova é com consulta?”. Eu falei: “Não, a prova é sem consulta”. Essa era a orientação que tínhamos. Ela então disse: “Uai, mas eu não tenho condições de fazer uma prova sem consulta”. Era uma prova de psicopatologia, do grupo do professor Feliciano. Então eu disse que infelizmente não poderia deixar consultar e, se ela não tinha condições, eu ia anotar direitinho o fato e voltar. Ela então mudou de ideia e disse que ia fazer a prova. Só que ela olhava a prova e dizia “Ah! o menino está chorando, eu tenho que ir lá”, e saía da sala. Daí a pouco, ela disse “Está na hora de dar de mamar à criança”, foi lá dentro outra vez. Notei que, quando ela voltava, ela respondia as questões. Então eu disse, dentro da casa dela: “Infelizmente, agora, você não vai poder sair da sala”. Na verdade eu queria dizer que ela estava colando. Ela então falou assim: “Ué, o professor fulano de tal falou que aquilo, aquilo outro...”. Disse pra ela que, infelizmente, a ordem que eu tinha é que ela fizesse na minha presença, em um lugar que eu pudesse estar vendo etc., o que não estava acontecendo. Ela leu mais algumas questões e disse que precisava ir lá dentro, porque não gostava de deixar o filho, que estava preocupada, não sei o que mais. E foi. Quando ela saiu, eu abri a porta, fui embora e contei o ocorrido para o Carlos, que era secretário. Nisso, ela já tinha ligado para o departamento. Na Secretaria, o pessoal dizia: “O cara sumiu, como é que o Sílvio some!?”. Expliquei então que a mulher estava, descaradamente, consultando livro e caderno lá dentro, e eu não podia acompanhá-la dentro do quarto da casa dela, tinha que ficar na sala. O Carlinhos então disse que a aluna teria que conversar com o professor, acho que era o professor Clóvis. O Clóvis depois comentou que ela falou, falou, falou, e que, quando ela entregou a prova, ele disse: “Você pode ficar com ela, isso é seu, eu nem vou olhar. Você vai fazer a prova, comigo, tal dia e tal hora, aqui na sala”. Eu sei que é essa mulher ficou minha inimiga. E olha que, nestes casos, a gente falava que estava ali representando a Universidade, o professor, etc., e que não poderia ser de maneira diferente do que está escrito, determinado. Depois disso, a gente começava a recusar a fazer essas visitas: “Quem que vai lá?” “O Sílvio.” “Ah não, vai a Dorinha, vai fulano.” Os alunos chegavam a dizer que a gente estava querendo ser mais que o professor, que o professor não cobrava tanto. Eu dizia, então, que estava ali com uma função,

e eu tinha que desempenhar de acordo como eu fui orientado, não tem outra fórmula.

PR: *Mais alguma lembrança desse tempo?*

SG: Já no período da Ana Maria, houve uma reclassificação de cargos e de salários. Como já tinha comentado, eu entrei como auxiliar de serviços, depois passei para agente administrativo e hoje eu sou técnico de laboratório. Já desempenhava essa função há muito tempo, mas não ganhava por isso. Na reclassificação, fui então colocado como técnico de laboratório, cargo que eu tenho até hoje. Hoje, o laboratório é muito resumido, apenas o de análise experimental, onde a gente trabalha com 28 sujeitos (ratos). No entanto, quando eu comecei, tínhamos 60, e a gente trabalhava o ano todo. A gente tem muita experiência com laboratório. Ontem mesmo, uma professora da Una veio aqui conhecer o laboratório, gostou, etc. Conversou com a Sandra, que pediu que ela entrasse em contato comigo, para eu passar para ela informações sobre a montagem do laboratório e tudo mais. Fiquei surpreso quando soube que lá há apenas seis alunos, que trabalham com cinco sujeitos (ratos). E eu estava pensando que lá tinha uma estrutura. Mas... imagina bem, seis alunos. Inclusive, eu falei para ela que hoje nós trabalhamos com o sujeito experimental com 65 dias, enquanto ela trabalha com de 100 dias. Perguntei, então, como ela conseguia que, ao final do semestre, o sujeito passasse na argola? Porque, na caixa de Skinner, hoje, as argolas são pequenininhas... Ela disse que, na USP, trabalham com 90 a 100 dias, e ela não quer arriscar. Eu então falei que não é um risco, porque chegamos aos 65 dias ao longo do tempo e, quando eu comecei a trabalhar, realmente nós trabalhávamos com essa média de 90 a 100 dias, com o peso aproximado de 200 a 250 gramas. Eu vim reduzindo gradativamente. Em um ano, reduzi para 85, no próximo ano para 80, em função das dificuldades com as novas caixas. Mesmo porque, quando ficam muito grandes, os alunos têm até medo de trabalhar com eles. As caixas hoje, se for olhar, estão a metade do tamanho das caixas antigas. Conforme eu ia fazendo, ia passando as informações para a Sandra.

Há dois anos, eu fiz uma experiência com os sujeitos sem rabo. Assim que eles nasceram, com três dias, eu cortei o rabo deles. Quando eu falei com a Sandra, ela até assustou. Eu falei: o laboratório, além de experimentos, é um lugar de experiência também... É o que nós fazemos, fazemos experiências aí. E eles têm muito mais agilidade para trabalhar os experimentos, correndo tudo bem. Isso na caixa de Skinner. Nas caixas de polietileno, que são caixas grandes, aí eles têm dificuldade. Eles sobem com agilidade, mas, na hora de descer, eles têm muita dificuldade, porque, sem o rabo, eles perdem o freio. Normalmente,

eles prendem o rabo e descem. Sem o rabo, ele teria que pular mesmo, porque não tem o rabo para sustentação. Ele rodava, rodava em cima da caixa e não descia de jeito nenhum. Isso era bom também para os alunos porque, não sei se foi o seu caso, mas a maior rejeição dos alunos é em relação ao rabo do sujeito. O rabo é o maior transtorno do sujeito na caixa de Skinner. Eu fiz isso só por dois semestres. Quando eu falei isso com a Joana, que estava em São Paulo, ela me disse que estava descaracterizando o experimento. Expliquei que não era nada disso, que era um grupo à parte, que não era da disciplina do aluno. Foi um grupo de alunos à parte que fez experimentos com esses sujeitos. Mas eles tinham o sujeito deles, que eles faziam para nota.

É essa parte que eu faço no Laboratório, além de dar todo o suporte para os monitores. Então, sou eu quem cuida da parte técnica do Laboratório. A gente já tem todo um processo. Por exemplo, no princípio de novembro, normalmente com cem dias de antecedência do início do semestre, nós já selecionamos, de consenso com o João, do Biotério Central, as matrizes para acasalar, para trabalhar no próximo semestre. O período de acasalamento e nascimento do sujeito varia entre 22 e 25 dias. Uma fêmea, em geral, tem entre 6 e 12 filhotes, normalmente é meio a meio entre machos e fêmeas. Se houver diferença, tende a ser mais fêmeas do que machos. Nós só trabalhamos com sujeito macho e temos que produzir 70 ratos para selecionar os 28 com os quais a gente trabalha.

PR: Em relação ao curso, você percebe muita diferença no curso ao longo desses anos?

SG: A gente percebe uma mudança que vem acontecendo no geral. Por exemplo, os alunos de hoje, os alunos de antes. Os alunos hoje, vamos dizer assim, são um pouco menos motivados do que os de antes. Tem a ver com a perspectiva de mercado. O curso superior anos atrás, em geral, tinha uma representatividade, um valor, não sei se é simbólico, ou mesmo um valor maior.

Havia uma dedicação, um empenho maior dos alunos para buscar o mercado. Para você entrar em uma empresa, tinha que ter conhecimento mesmo, bem mais aprofundado. Pela fala dos alunos, hoje, muitas das grandes empresas contratam psicólogo, mas, na realidade, ele é explorado para outras áreas, fazendo outras funções. Antes não, quando as empresas contratavam psicólogo, era para realmente desempenhar o papel de psicólogo. Era comum os alunos recém-formados virem aqui buscar informações para atuar nas empresas, que estavam cobrando isso deles. Retornavam muito aqui, para os

curso. Hoje eu não vejo muito isso, não vejo muito esse retorno de aluno, de buscar informações com professores. Na época, por exemplo, usava-se muito os testes, Rorschach, PMK, Zulliger, TAT. Esses testes eram muito usados nas empresas. Também, houve a questão da terceirização, e as empresas terceirizam esse trabalho.

No caso dos professores, alguns anos atrás, eles tinham uma dedicação maior, tinham um maior tempo. Por exemplo, quando falava na disciplina, na cadeira, você já identificava o professor. Falava no Rorschach e você já situava quem era o professor. Hoje você já não consegue fazer isso, porque a maioria dos professores são contratados. Às vezes, ainda assusto. Por exemplo, os professores da área educacional eram da área educacional, os professores da área clínica eram dessa área. Hoje a gente vê um professor que dá aula no 1º período, no 4º, no 5º, na área educacional, na área coisa. Mais isso é uma coisa que a própria Universidade exige, o mercado exige, que o professor seja capaz de dar aula do 1º ao 10º, 11º período. Então, ele tem que estar transitando por todas as áreas. Mas isso, para mim, é meio estranho, e inclusive até alguns alunos comentam sobre isso. Às vezes, o professor estava em uma área organizacional e, de repente, ele está dando aula lá na área educacional. E eram bem distintas as áreas, não era?

Eu acho que o professor também dominava mais, era um campo que ele, realmente, ou gostava ou tinha maior conhecimento. Eu acho que passava isso com mais segurança, os alunos se inteiravam mais, procuravam esses professores nas áreas.

PR: *Como você sente o curso de agora e aquele que você viveu tempos atrás, de um modo geral?*

SG: Percebo nesse sentido da motivação, da motivação dos alunos. Hoje, o aluno formando tem muito mais insegurança do que os alunos de antes, ele sai muito mais inseguro. Ele fica meio assim: “Gente, e agora?”. Isso é uma queixa constante. Acho que é o negócio de cortar o cordão umbilical. Antes, os alunos tinham aula no terceiro andar do prédio 12, do 3º até o 8º período, e o 9º e o 10º período eles faziam no primeiro andar do Prédio 12. A gente falava que a PUC fazia isso para ir desligando do curso. Mas eu já via diferente, quando separavam esses dois períodos, lá eles se integravam, eles discutiam mais sobre as empresas, os trabalhos, tudo isso. Inclusive, formavam grupos para montar consultórios, clínicas, eles se apoiavam mais lá. Hoje já não noto mais isso, eles se distanciam. Essa insegurança dos alunos é notória. Mas é todo um processo também.

PR: *O que você acha que faz falta no curso, hoje?*

SG: No momento, eu não saberia falar o que poderia estar faltando no curso, mas eu percebo que falta muita coisa. O curso, em si, ele não ocupa o espaço dele dentro da Universidade. Ele nunca ocupou. O curso de Psicologia foi, por muitos anos, o segundo curso com maior número de alunos. Hoje eu não sei qual é a sua posição, acho que temos, mais ou menos, uns 1 200 alunos. São poucos os cursos que têm essa quantidade de alunos. Mas, politicamente, em termos de poder de negociação, aqui dentro da Universidade, nós não temos força como tem a Odontologia, as Ciências Biológicas, que acabam sendo cursos com número infinitamente menor de alunos. Quando eu digo é a quantidade de alunos, isso representa o financeiro também.

Acaba que a gente não ocupa esse espaço político dentro da Universidade. Por exemplo, quando eu comecei a trabalhar aqui, nós emprestavamos sala e aparelhos para o curso de Comunicação, de Ciências Biológicas. Hoje, o quanto esses cursos cresceram! A Comunicação, hoje, chega a ter praticamente dois prédios. Um bloco mais dois andares aqui do prédio 13, mais uns outros laboratórios... Um época, houve uma onda de que nós iríamos para o prédio 42, onde a gente ia ter os três andares. Mas parece que o pessoal lá em cima por bem acharam que não queriam a Psicologia e, em troca, nós íamos ficar com os três andares do prédio 12. Para nossa surpresa maior, quando a gente foi saber, o Instituto de Ciências Humanas já tinha ocupado o primeiro andar, com a sala de multimeios, tudo direitinho. Aí tem aquela questão, ora estamos na área da saúde, ora não estamos. Ora nos querem, ora não nos querem. Parece que isso está sendo cogitando novamente, talvez pela questão do pró-saúde. E espaço físico falta mesmo. Ao longo do tempo, nós perdemos muito espaço, porque tínhamos três módulos no prédio 13, que era a nossa biblioteca setorial, tínhamos o primeiro andar todo do prédio 13, o terceiro andar do prédio 12 e dois módulos também no prédio 12. Tínhamos ainda duas salas aqui, no segundo andar do prédio 12. Hoje nós não temos nem dois andares. Quando saiu o Mestrado, eles ocuparam o espaço. Eu falo que, politicamente, nós não somos muito atentos.

PR: *Como é que você acha que a Psicologia é vista dentro da Universidade?*

SG: Eu acho que é vista como um departamento, vamos dizer assim, bonzinho. Porque faz um pedido, uma solicitação e se não pode... Ah! tudo bem, aceito. Outros departamentos brigam, reivindicam, expõem suas condições. Nós temos a nossa condição dentro da Universidade, temos tantos alunos. Parece que, da última vez que levantaram essa questão, da quantidade de alunos, eles, em contrapartida, falaram que a Psicologia tem

essa quantidade de alunos, mas que a grande maioria é irregular. Quer dizer, eles estão sempre achando uma forma de falar “fica quieto ai, fica só no que vocês têm aí mesmo”. Os outros não aceitam essas coisas, vão à luta mesmo, estão sempre reivindicando, estão sempre brigando por uma coisa maior. Recentemente, por exemplo, eu estava comentando que, nesta semana, depois de 15 anos, compraram seis retroprojetores para nós. Esses retroprojetores que estão saindo hoje são da época do Escípio. Estão todos remendados. Isso você não vê em outro departamento, os equipamentos são todos novos, tudo do bem bom. Isso não é nenhuma crítica a nenhuma coordenadora, nenhuma diretora, nem nada. É uma realidade. Eu comento que, didaticamente, na parte administrativa escolar, essa parte toda, eu vejo muita competência em todos os diretores, coordenadores que passaram aí. Mas, politicamente, dentro da Universidade, para estar reivindicando essas coisas, nós nunca tivemos aqui. E sempre tivemos pessoas bem posicionadas na Universidade. Veja, a Miryam está na ouvidoria, já estive na Ação Comunitária, você (Mário) estive lá com ele, (referência à assessoria ao Reitor Pe. Magela Teixeira) o Carlos Carmelo que saiu daqui, Ana Maria, o Miguel Alonso... As Ciências Biológicas conseguiram muita coisa pelo Miguel Alonso. E o Miguel Alonso ficou tanto tempo conosco, foi ser pró-reitor aqui e nós nunca aproveitamos esse meio. Essas pessoas seriam nosso porta-voz lá. Nós tínhamos pessoas para buscar apoio, uma coisa mais consistente para o curso, colocar a Psicologia realmente no espaço dela.

PR: *A Clínica foi uma conquista...*

SG: A Clínica foi uma conquista grande. Quando foi feita, eu até comentei com o pessoal que ela ficou maravilhosa. Mas a estrutura dela tinha que ser melhor. Na realidade, nós ficamos com o mesmo número de sala de atendimento que tínhamos aqui. Poderiam ter planejado para dois andares, para poder expandir mais, junto com o curso. Poderia colocar em cima os atendimentos e, embaixo, a coordenação e aquelas coisas todas da Clínica. Hoje acaba faltando sala de atendimento na Clínica. Você lembra quando a clínica era aqui, no prédio 4, ao lado do Direito? E eles fizeram colocando o mesmo número de salas. Mas ficou muito boa, foi um ganho que nós tivemos. Desde quando a Clínica era aqui, já havia um projeto de uma nova clínica. Custou a sair daqui o atendimento. O que levou mesmo a alavancar a Clínica lá foi aquele paciente que pulou do terceiro andar. Eu trabalhava no sábado à tarde, eu nunca falhava, raramente falto de serviço. E, nesse dia, eu estava aqui quando minha irmã me ligou falando que tinham encontrado o corpo do meu cunhado, que estava sumido, na Lagoa da Petrobrás. Aí eu avisei aqui que eu ia fechar a Secretaria. Eu trabalhava sozinho. Na segunda-feira,

quando eu cheguei aqui, eles falaram que um cara tinha pulado aqui.

PR: *Foi uma moça.*

SG: Não. Foi um rapaz. Então teve uma moça também? Porque eu lembro que foi um rapaz. Ele caiu em pé e foi parar lá na parede do Direito. Aí eu falei: o único dia que eu falto de serviço, não estou lá, vai acontecer um negócio desse. Aí foi que deu essa alavancada. Inclusive o atendimento era muito conturbado, porque conciliavam os atendimentos e as aulas, o corredor ficava aquela bagunça.

PR: *E a relação do curso com as outras unidades?*

SG: Eu não tenho muita informação, mas eu acho que precisava ser mais integrado, ter um contato maior, inclusive com o próprio São Gabriel. Hoje o que existe é o professor dar aula aqui e lá, mas esse encontro, essa discussão, eu acho pouco. Inclusive a implantação desse currículo nosso, atual, foi tentando aproximar mais dos outros, do São Gabriel e de Betim. O anterior, o 203, ele tinha 11 períodos, era muito diferenciado dos outros cursos.

PR: *E o que você acha desses currículos?*

SG: Eles são bem distintos, de época. No currículo velho, os estágios começavam a partir do 6º período. Hoje é no 2º período. Isso porque o aluno tinha que interagir já logo, desde o princípio do curso, com a sociedade, com o conhecimento, com a Clínica... Agora, por outro lado, não tenho muito conhecimento, não sei até onde o aluno intervém nesse processo, até onde ele interfere, ou se, no princípio, seria só um conhecimento mesmo para depois, então, talvez no 5º ou 6º período, ele realmente entrar no processo, como nos estágios antigos. Quando era a partir do 6º período, teoricamente ele já tinha visto praticamente tudo. Quando ele já começava mesmo, ele já entrava em um processo teórico já bem aprofundado. Não sei se hoje é dessa forma. Mais isso é uma coisa que eu não tenho muito conhecimento... Eu precisava de me inteirar mais um pouco dessas coisas.

PR: *Nestes anos todos, você destacaria algum acontecimento que tenha chamado mais a sua atenção, algo que você acha relevante, importante?*

SG: Lembrar, por exemplo, os processos políticos, a eleição do curso, mudança de currículo... O que ficou mais marcado no processo de eleição, o primeiro foi aquele da Vânia Franco, foi um negócio violento. Aquela coisa toda para seis meses depois substituir todo mundo, Eduardo, Wagner, João Gualberto... Abandonaram, não é? Quebrou todo aquele lado psicanalítico

que era o curso, para entrar no social, não foi assim? O chavão deles: “Tudo pelo social”. O que predominava seria a psicanálise, que até hoje tem uma certa predominância. Então, formaram-se esses grupos, grupos diferenciados, liderados pela Vânia Franco como candidata a coordenadora do curso, que acabou sendo a coordenadora. Estava começando esse processo da Cabana, com o William, então partiram para esse lado social, e aí virou uma coisa ferrenha mesmo. Um processo com disputa de voto a voto. Foi em oitenta e poucos. O certo é que esse grupo acabou assumindo, esse grupo do social, com uma diferença pequeníssima de voto, inclusive com protesto, fraudes, esse negócio todo. Esse grupo tinha uma proposta de fazer uma revolução na questão da Psicologia. Mas não durou seis meses, os cabeças do grupo então abandonaram, brigaram entre si, uma coisa, uma confusão danada, e a Vânia que sustentou isso. Ela fica, e acabou que, depois, ela quase que ficou só. E ficou dois mandatos. Porém, já no segundo mandato, ela já mudou totalmente, procurou recompor as áreas novamente, de modo que a área de social assumisse a mesma envergadura que tinha a psicanálise, mas não que ficasse tão dominante que desbancasse a psicanálise. Conquistar o espaço dela foi bom também, foi o que abriu esses campos, como a Cabana, esses outros extramuros aí, tudo nessa época mesmo. Partindo mais para esses grupos nas favelas, foi criado mais ou menos nessa época, entendeu?

Depois teve aquela outra eleição, que eu não estou lembrando. Foi até que os alunos fizeram aquele corredor, cercaram todo mundo que saía da sala da eleição, porque rejeitaram as propostas dos alunos, aí eles fizeram um corredor. Eles queriam uma participação maior, o que não era permitido. Foi feita uma votação, como dizia na época, a portas fechadas. Fecharam a porta, trancaram a porta e fizeram a votação e então decidiram, não sei se foi a eleição do Wanderley... Alguns professores ficaram presos dentro da sala, com medo... Precisou chamar a vigilância para garantir a segurança dos professores da sala, esse negócio todo. Foram essas as eleições mais tumultuadas. Foi na época da Ana Maria, pode ter sido a eleição da Ana Maria.

Teve aquela também, com participação de funcionários, foi a única com a participação dos funcionários. Aí já foi no segundo mandato do Wanderley. Parece que cada voto de funcionário valia por 21 votos de aluno, por causa da proporção. Muitos professores não concordavam, porque achavam que, devido ao Wanderley estar saindo da vice e ser candidato, isso ia ter influência sobre os funcionários. Nós fizemos três reuniões dos funcionários para decidir em quem votar e ficou decidido que o voto seria secreto, cada um votasse em quem quisesse. Nós éramos 9 funcionários e foram 5 a favor do Wanderley e 4 para o outro candidato, que eu não me lembro qual foi. Então, não foi aquilo

que eles imaginavam, que os funcionários vão todos votar em um candidato, e com esse peso do voto dos funcionários ele ganha. Quase que foi meio a meio, e hoje posso te falar, com toda a certeza, que eu não sei nenhum voto de nenhum funcionário. Eu sei em quem eu votei, mas votei sem os outros funcionários.

Era bem mais... Se bem que a Universidade também era mais aberta. O candidato poderia fazer uma proposta e, depois, ir lá na Reitoria negociar essa proposta da campanha política dele... Mostrando também, não só a proposta dele, mas a necessidade do Departamento, qual era a necessidade mais emergente do curso. Inclusive sobre a contratação de professor, a forma de contratação, melhoria para os professores... Naquele processo é notório que não só os professores, mas também nós, os funcionários, tivemos grandes ganhos. Grandes ganhos. Aumentava... hoje só diminui. A gente conseguia um número maior de horas para distribuir, por exemplo, para um professor. Tinha mais hora de dedicação, o que não tem mais hoje. Se fizer uma proposta dessa e chegar lá, a primeira coisa que vão falar é, “então vamos cortar a folha...” Então não tem nem como fazer muita proposta, porque não tem como você negociar lá. É difícil negociar, é quase impossível negociar isso lá.

PR: *Você destacaria o nome de algum professor ou estudante que possam também contar sobre a história do curso?*

SG: Tem essas pessoas que a gente aprendeu a admirar pela convivência, pelo trabalho, dedicação pelo curso, como Ana Maria, Wanderley, Escípio, alguns outros, esse pessoal que está aqui há mais tempo, que a gente vê que realmente... Vamos dizer que nem é o lado financeiro. Muitos professores, alguns desses que citei e muitos outros, eles vinham aqui dar uma aula para ganhar 20 reais e deixavam de ganhar 100 reais no consultório. O Wanderley, por exemplo, tinha e tem cliente para consultório, mas preferia vir aqui dar aula. Marcos Paulo foi um batalhador, Moisés, que trabalhou com vocês também. E muitos outros... Trabalharam muito pelo curso... Teve umas Maria Helena, muitas, que estão aqui há muito tempo, que realmente dedicam a isso mesmo, de corpo e alma mesmo. Então seria assim como um todo, o curso tem muito a agradecer a esses professores.

PR: *Você acha que está diminuindo a identificação do professor com o curso?*

SG: Está diminuindo muito. Por exemplo, você conheceu todas as salas de professores daqui. Se a gente pensar aquela sala de professores que nós tínhamos no terceiro andar, você via que aquela sala era uma sala cheia, constantemente. As pessoas iam dar aula às nove horas e chegavam aqui às sete horas, na sala. Eu brinco com o pessoal que uma das coisas que recuperou um pouquinho daquilo das salas dos professores são os biscoitos, hoje. Era o lugar de encontro mesmo, discussão... Por exemplo, o processo político nosso encerrava hoje, acabava uma eleição hoje,

no mês seguinte já estava abrindo um outro processo político, de discussão, com proposta. O que é isso, o que é aquilo, aquilo outro... Hoje, se fala na eleição, vai aparecer o candidato no dia da eleição. Antes você já sabia que, na próxima eleição, aquele professor seria o coordenador do curso. A pessoa também já entrava sabendo, era um candidato, vamos dizer assim, natural, era quase que convidado para assumir. Hoje eu vejo, por exemplo, dois dias antes da eleição não há candidato. Isso demonstra uma falta de entrosamento, de planejamento, para o próprio curso.

PR: *Você é o responsável pelos biscoitos na sala dos professores?*

SG: Não, na realidade são todos. Todo mundo que chegava lá, Maria Carmen, Kátia, Geisa e outros, conversando que era um absurdo, a gente morrendo de fome e não tinha nada para comer. Aí veio a ideia, eles me deram o dinheiro e eu fui lá na cantina e comprei dois pacotes de biscoito água e sal. Aí alguém propôs que cada um desse um tanto para que eu comprasse o biscoito. Eu falei que, para a coisa funcionar, tem que ser bem espontâneo, a pessoa vai colaborar no dia que quiser, com o quanto que ela quiser. E se ela gostar do biscoito que tem, ela come, se não gostar também... Quando tiver dinheiro tem biscoito, quando não tiver dinheiro... Se colocar normas a coisa não anda. E isso já está vindo há mais de dois anos, vamos para o terceiro ou quarto semestre, e a coisa funcionando sem nenhuma reclamação. Com a participação, às vezes até aumentando. Como eu falei, nós não queremos o aumento do valor dos que contribuem não, nós queremos o aumento dos participantes. Igual aconteceu com o Wanderley: no princípio do semestre, ele me deu 10 reais; na semana passada ele me deu mais 10. “Uai, mais dez?” Ele disse: “Não, Silvio, eu estou é retribuindo, porque no semestre passado eu não sabia disso e eu comi o semestre inteiro”. Quando tinha a sala dos professores aqui, a gente mesmo fazia o café, eu mesmo fazia o café, outros faziam... nós tínhamos chá. Às vezes tinha chá de erva cidreira. Isso deu uma integração muito grande, o pessoal vinha, batia papo, dava risada. Hoje é difícil você ver as pessoas dando risada, contando casos. A maioria entra e sai, muitos a gente nem conhece. Como aqueles que ficaram muito carrancudos. Achei que perdeu um pouco, então a gente deu uma alavancadinha, uma melhorada por causa dos biscoitos. Mesmo porque veio mostrar que quando a gente une, essa coisa só tem a melhorar.

PR: *Você gostaria de falar mais alguma coisa? Algo mais da sua escolha?*

SG: Isso foi mais um papo informal, uma conversa mesmo. Você é meu contemporâneo aqui, deu para a gente lembrar algumas coisas. Mais, só se eu tivesse uma direção para ir aguçando. Para a gente ir lembrando. Mas fora disso, só o prazer de estar conversando com vocês. É isso que a gente precisa, sentar mais vezes, ficar conversando, lembrando algumas coisas, porque tem muita coisa boa. Eu fico feliz se eu pude acrescentar alguma coisa.